

UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA LITERATURA MEDIEVAL: O Conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer.¹

A CASE STUDY ON THE REPRESENTATION OF WOMAN IN MEDIEVAL LITERATURE: The Shipman's Tale from Geoffrey Chaucer.

MÁRCIA MARIA DE MEDEIROS

Profa. Dra. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
Dourados, MS, Brasil
marciamaria@uems.br

TÂNIA REGINA ZIMMERMANN

Profa. Dra. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
Amambai, MS, Brasil
zimmermanntania@hotmail.com

Resumo: Geoffrey Chaucer é um autor que dispensa maiores apresentações dada a sua importância para a formação da literatura em língua inglesa, a qual foi criada por ele. Entre sua obra, o livro mais importante é Os Contos da Cantuária, onde o autor narra uma peregrinação de 24 pessoas que saíram de Londres rumo a cidade de Cantuária. No caminho, por proposição do estalajadeiro que acompanhava o grupo, cada peregrino contou um história que remete a diversos aspectos da sociedade inglesa da Baixa Idade Média. Entre os contos está o Conto do Homem do Mar, o qual narra de forma cômica, a história de um triângulo amoroso envolvendo um clérigo, um mercador e sua esposa. Esse conto possui informações preciosas sobre a maneira como a sociedade medieval representa a figura feminina e é esse tópico o objetivo da análise proposta no presente artigo.

Palavras-chave: Geoffrey Chaucer, Literatura Medieval, Mulher.

Abstract: Geoffrey Chaucer is an author who needs no further presentations given its importance for the formation of the English language literature, which was created by him. Among his works, the most important book is The Canterbury Tales, where the author recounts a pilgrimage of 24 people who came out of London towards the city of Canterbury. On the way, by innkeeper's proposition who accompanied the group, each pilgrim told a story that refers to various aspects of English society of the Middle Ages. Among the stories is the tale of the Man of the Sea, which recounts the comic form, the story of a love triangle involving a cleric, a merchant and his wife. This tale has valuable information about how medieval society represents the female figure and this topic is the purpose of the analysis proposed in this article.

Keywords: Geoffrey Chaucer, Medieval Literature, Woman.

¹ Artigo submetido à avaliação em 01/04/2013 e aprovado para publicação em 26/05/2013.

Entre os muitos autores de textos literários de língua inglesa, Geoffrey Chaucer é um dos que mais se destaca por conta de várias obras, sendo que entre elas, a de maior renome é *The Canterbury Tales* (Os Contos da Cantuária), escrito ao final do século XIV, o qual é composto por 24 poemas, contados por vários narradores entre eles o próprio autor, que revelam um grande painel compósito dos estilos referentes à literatura medieval.

Quando chega a sua vez de divertir a audiência², o Homem do Mar não tem dúvidas sobre o que relatar. Ele conta a história de um mercador, o qual morava em Saint-Denis, sua bela esposa e um padre amigo da casa, chamado Sir John. Essas três personagens se envolvem em um jogo de sedução e luxúria, temperado com uma pitada de humor e ironia, muito ao gosto do que a literatura medieval dos séculos XII de XIII conhecia como *fabliaux*³. Nesse contexto destaca-se a figura da mulher como a urdidora das tramas que levam a traição que sofre o marido e a consumação dos desejos sexuais que por ela possuía o padre.

Na tentativa de analisar essa figura dentro da trama criada por Chaucer, vale traçar algumas linhas sobre os *fabliaux*, colocando as suas principais características sendo que entre elas já se ressalta a representação que fazem da mulher.

No final do século XII e começo do XIII, o cenário da literatura medieval já aparece claramente definido com quatro grandes espaços: a canção de gesta, o teatro, a novela da cavalaria e a poesia lírica. Cada um desses espaços apresenta características muito nítidas com peculiaridades e regras próprias, mas junto a eles aparece outra corrente de análise mais complexa e muito mais difícil de caracterizar.

Ela é composta por relatos curtos escritos em verso, os quais costumam chamar-se de *fabliaux*, escritos em sua maioria, ao largo do século XIII. É possível que tenham encontrado um grande êxito no período a julgar pela quantidade de manuscritos relativos a eles que foi conservada, mesmo que de forma dispersa e fragmentária. O estudo destes pequenos relatos apresenta a quem por ele se interessa alguns problemas de caráter geral, sobre os quais se versará agora.

² Essa audiência é composta por todos os que fazem parte da caminhada em direção ao túmulo do arcebispo Thomas Beckett, como por exemplo, um padre, um cavaleiro, uma freira, um magistrado, entre outros. Ficou acordado entre os romeiros que cada um contaria uma história na ida e outra na volta da jornada para que a mesma não se tornasse aborrecida. A melhor narrativa seria premiada com um jantar.

³ Palavra de origem picarda, grafada como *fabliaux* no plural e *fabliau* no singular.

O primeiro deles diz respeito à questão da cronologia: escritos desde o final do século XII, eles desaparecem no século XIV. Sobre o assunto preconiza a introdução da obra *Fabliaux: cuentos franceses medievales*⁴ que:

El hecho de que muchos se hayan conservado en distintos manuscritos, con diversas variantes, hace difícil determinar cuál de ellos es el modelo, y las alusiones a acontecimientos contemporáneos, tan útiles en otros textos para fecharlos, son muy escasas. Hay que aceptarlos como un bloque, producidos en su mayoría a lo largo del siglo XIII, sin que se puedan discernir distintas etapas en su historia y evolución⁵.

Tão complexo quanto definir uma datação para eles é a tentativa de identificar seus autores. Existem diversas correntes que defendem caminhos diferentes sobre quem poderiam ser os responsáveis por essas obras. Joseph Bédier, primeiro intelectual a estudá-los de forma sistemática em obra publicada no ano de 1893⁶ tentou reduzir seus autores a uma única classe, os jograis, categoria da qual fariam parte também os goliardos⁷. A tese de Bédier tem seus prós e seus contras.

Sem dúvida que os jograis foram responsáveis por transformar os *fabliaux* que recitavam, da mesma forma que introduziam variações nas canções de gesta. Tanto em um quanto na outra, aparecem formas de apelação ao público para que escute as histórias ou agracie o contador com algum regalo (vinho ou moedas).

Por outro lado, essas variações com suas supressões ou adições são frequentes nas obras de literatura medieval já que seu meio de transmissão era a voz e não a leitura silenciosa como ocorre contemporaneamente, por isso sua presença não permite assegurar que os *fabliaux* sejam obras de autoria dos jograis, já que eles possuem uma característica que se desdobra em outros tipos de literatura a qual acaba por se tornar comum e não uma marca distintiva, indicativa de autoria.

⁴ Essa obra não possui um autor que a organize ou referencie. Ela consta da reunião de um conjunto de *fabliaux* os quais são traduzidos do francês arcaico para o espanhol moderno e na introdução há uma série de questões teóricas sobre os mesmos, sem que haja a assinatura de uma autoria referente a ela.

⁵ O fato de que muitos tenham sido conservados em distintos manuscritos, com diversas variantes, torna difícil determinar qual deles é o modelo, e as alusões a acontecimentos contemporâneos, tão úteis em outros textos para datar-los, são muito escassas. Faz-se necessário aceitá-los como um bloco, produzidos em sua maioria ao longo do século XIII, sem que se possa discernir distintas etapas em sua história e evolução. ((Todas as traduções feitas nesse artigo são de autoria das autoras). ANONIMO. *Fabliaux: cuentos franceses medievales*. Madrid: Catedra, 2005, p.11.

⁶ BÉDIER, Joseph. *Les Fabliaux*, Paris, 1893.

⁷ São chamados de goliardos os estudantes ou clérigos errantes que ficavam de cidade em cidade, na condição do que hoje se denominaria andarilhos. Esse grupo de intelectuais escrevia uma poesia com base nos textos clássicos, mas sua temática versava sobre os prazeres da vida e sobre o ataque a hierarquia eclesiástica, exceção feita ao clero secular, o qual era tão pobre quanto eles. Maiores informações sobre eles ver: LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Jose Olympio, 2003.

Assim, vale ressaltar a pluralidade de situações que envolvem os possíveis autores dos *fabliaux* (estudantes, jograis, poetas, entre outros), sem que seja possível reduzi-los a um único grupo ou classe. Sabe-se sim, que são anônimos em sua maioria, e que **poderiam** ser jograis, estudantes ou homens de letras e grandes escritores⁸. Tão complexo quanto definir quem são os autores dessas obras, é tentar definir para quem eles escreviam.

Que público estaria interessado nessas histórias alegres, destinadas a fazer rir ao público que as ouvia, durante a tão sisuda (ou tida por) Idade Média? O já mencionado Bédier defendia que os *fabliaux* nasciam na classe burguesa em ascensão para ela e por ela. Nessa condição teriam sido escritos para a diversão dos ricos comerciantes que habitavam as cidades, em oposição a literatura cortês destinada aos nobres aristocratas, os quais ignoravam os contos ou os desprezavam. No entanto, existem correntes teóricas que discordam deste ponto de vista:

Prescindiendo del juicio moral que Bédier y seus seguidores hacen de los burgueses del siglo XIII, parece poco probable que en una misma sociedad se dieran dos clases simultáneas y absolutamente antinómicas culturalmente: una de ellas, la aristocrática, delicada, idealista y refinada en sus gustos literários, y otra, la burguesa, vulgar, prosaica y poco exigente en su consumo literário⁹.

Apesar disso, o termo “literatura burguesa” venceu e segue dominando quando o intuito é catalogar essa literatura onde está presente o desejo de ganhar dinheiro, a astúcia e certa crueza de linguagem, mas não o espírito da livre empresa, o dinamismo em relação a ordem social medieval e a ambição, as quais podem ser consideradas características relevantes da burguesia europeia refletidas na literatura.

Em 1960¹⁰, Jean Rychner propôs uma nova linha de análise segunda a qual as distintas versões de um mesmo texto se deviam ao fato de que ele era apresentado a públicos diferentes. Assim a versão de pior qualidade, onde aparecem maior número de erros gramaticais, verbais, supressões e afins, deveria ser apresentada a um público não letrado.

A tese de Rychner também apresenta problemas: a qualidade inferior de um texto não permite atribuir essa característica ao público que tem acesso a ele. Uma quantidade imensa de variantes pode adjudicar essa má qualidade: pode se tratar de uma transcrição apressada ou

⁸ O grifo pertence às autoras.

⁹ Prescindiendo do juízo moral que Bédier e seus seguidores fazem dos burgueses do século XIII, parece pouco provável que em uma mesma sociedade se dessem duas classes simultâneas e absolutamente antinómicas culturalmente: uma delas, a aristocrática, delicada, idealista e refinada em seus gustos literários, e outra, a burguesa, vulgar, prosaica e pouco exigente em seu consumo literário. ANONIMO. *Fabliaux: cuentos franceses medievales*. Madrid: Catedra, 2005, p.15.

¹⁰ RYCHNER, Jean. *Contribution à l'étude du fabliaux*. 2 vols, Genebra, Droz:1960.

incorreta, como ocorre com inúmeros manuscritos da época, devida ao cansaço ou a negligência de um copista ou a degradações relativas à tradição oral.

O *fabliau* estava destinado a ser recitado publicamente e essa difusão oral se prestava a muitas improvisações o que bastaria para explicar a variedade de cópias existentes. Se uma busca for promovida diretamente nos textos, ver-se-á que nunca se encontram alusões a um público burguês ou popular e sim, ao contrário, a um público aristocrático.

Esta linha de pensamento coaduna com a teoria defendida por Per Nikrog em obra publicada em 1957¹¹, onde o autor defende a ideia de que os *fabliaux* foram escritos para divertir a nobreza, aos círculos mais refinados da sociedade como outro produto literário cortês. Tendo por base a burla e a paródia, o público, para perceber esse caráter, teria de conhecer a literatura cortês e os usos da aristocracia.

Ainda que seja certo que alguns destes relatos utilizam com finalidade cômica expressões ou temas relativos a narrativa cortês, este não é um rasgo comum a todos eles, portanto parece arriscado generalizar a partir de casos isolados. A isto cabe ainda agregar que não aparenta ser intenção destes textos ridicularizar obras da literatura cortês. Aceitar a hipótese de Nikrog significa admitir que os *fabliaux* apresentam uma visão fechada de sociedade ligada a uma classe social determinada ou a mentalidade desta classe social.

Isto os faria inadequados para recitação em espaços como uma feira ou a casa de ricos burgueses ou qualquer lugar fora do círculo cortês, qualquer lugar onde uma pessoa tivesse vontade de rir das peripécias sucedidas a uma determinada personagem. Se no *fabliau* aparece um sistema de valores que pertence a aristocracia ou pode ser identificado como tal, isso ocorre porque esse era o sistema admitido na época, sem que se possa daí deduzir que ele foi feito única e exclusivamente em um ou outro extrato social ou para um ou outro extrato social.

O que os *fabliaux* refletem não é nem o círculo social cortesão nem o mundo burguês, mas sim uma sociedade rural que está em processo de urbanização, onde o rural e o urbano se interpenetram sem que um deles chegue a predominar sobre o outro, apesar do cenário desses relatos serem preferencialmente as cidades.

Independente de tentar traçar uma gênese para tais histórias ou elementos que as caracterizem e unifiquem, há que se ressaltar que em todos os *fabliaux*, a figura da mulher apresentam condições muito específicas, representadas em função da situação que as mesmas ocupam dentro de um estatuto familiar.

¹¹ NYKROG, Per. *Les fabliaux, étude d'histoire littéraire et stylistique médiévales*. Copenhague, 1957.

A sua condição de **ser**, independente do estatuto de gênero¹², é velada (nas raras vezes em que ocorre), e em geral aparecem no enredo das histórias como jovens filhas ingênuas que perdem sua virgindade para clérigos sem eira nem beira ou estudantes desmazelados, os quais as enganam facilmente; esposas cruéis para com os seus maridos e/ou adúlteras; ou viúvas que não deixam de ser grandes alcoviteiras.

Fato curioso: esse processo vai contra uma linha de pensamento trabalhada e organizada pela Igreja no período que cuidava da construção de elementos modelares, conforme bem demonstrado por Mario Piluso, no livro *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*:

Quais são então as reações às transformações ocorridas nos séculos XII e XIII? A nova confissão personalizada jogará a favor, com o decorrer do tempo, de uma maior atenção relativamente à personalidade e humanidade da pecadora mas, ao mesmo tempo, tentará tornar mais eficaz a pesquisa dos hereges. O modelo franciscano oferece no princípio, sobretudo na Itália, uma possibilidade de redenção às mulheres luxuriosas e mundanas que, não obstante, eram as representantes típicas do modelo de vida no seu ambiente social (banquetes, bailes, luxos, amor cortês, etc.). Por outro lado (e aqui poder-se-ia talvez arranjar motivo para um aprofundamento da pesquisa), no mesmo ambiente encontramos, na literatura novelística italiana e nos *fabliaux* franceses, uma posição completamente diferente relativamente aos comportamentos duramente condenados pela Igreja cristã¹³.

Qual é o papel proposto para a mulher no Conto do Homem do Mar, escrito por Geoffrey Chaucer, em pleno século XIV, quando temporalmente falando o *fabliau* enquanto tipo literário já havia deixado de existir? Que representação faz da figura feminina o autor em questão? O faz parodicamente, ou como forma de crítica social? Se o faz como forma de crítica, que conjunto de valores ele pretende atacar, ou defender? Partindo dessas questões, faz-se necessária uma apresentação da história para aclarar melhor a discussão.

O Conto do Homem do Mar apresenta apenas três personagens principais, a saber, o mercador, sua esposa e um monge chamado Sir John. O primeiro, muito generoso, costumava receber em sua casa o já referido monge John, o qual era um conterrâneo da cidade natal do mercador: isso fazia com que o mesmo agregasse a ele um valor de parentesco, considerando-o seu primo. Quando John visitava o casal de amigos, distribuía gorjetas a todos os servos da casa, os quais sempre festejavam a sua chegada, além de que, ele costumava levar presentes aos donos da casa.

¹² Entendido aqui o termo gênero enquanto designativo do feminino e do masculino, rejeitado qualquer determinismo imposto pela biologia e apontando para o fato de que a distinção entre homem e mulher ou masculino e feminino não é nem natural, nem universal e muito menos invariante mas sim construída discursivamente e está presente em todos os aspectos que constituem a experiência humana. Grifo das autoras.

¹³ PILUSO, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 25.

Certa feita, estando o mercador para sair em viagem de negócios, recebeu a visita de seu suposto primo. No segundo dia da estada do religioso em sua casa, o mercador ficou trancado durante boa parte do tempo em seu escritório contando seu dinheiro e preparando-se para seu trabalho. Nesse entremeio, o monge foi passear no jardim, onde encontrou-se com a esposa de seu anfitrião, a qual reclamou das condições em que vivia e como o seu marido não cumpria com seus deveres, fossem eles de lhe vestir e calçar como ela achava ser necessário dada a sua condição, fossem eles relativos aos seus deveres conjugais.

Assim ela solicitou do religioso a quantia de cem francos para que pudesse pagar por um vestido a que o monge rapidamente aquiesceu, combinando com a esposa do mercador um encontro amoroso em troca do dinheiro. Depois que o mercador saiu de seu escritório, eles comeram juntos e o monge pediu ao mercador em segredo a quantia de cem francos, pois precisava comprar gado para colocar nas terras que a sua abadia geria nas redondezas. Ademais, pediu-lhe segredo sobre a transação e prometeu pagar-lhe sem demora.

O mercador emprestou ao monge o dinheiro solicitado e lhe disse que não se preocupasse quanto ao prazo de pagamento. Foi-se então, em viagem de negócios, deixando caminho livre para o religioso visitasse sua esposa e tivesse com ela o prometido intercuro sexual em troca da quantia aprazada.

Quando retornou de sua viagem o mercador ainda tinha assuntos a tratar e pagamentos a fazer, de modo que necessitava de uma letra de câmbio no valor de vinte mil francos. Aproveitando que ia a Paris para emprestar a quantia junto a amigos, resolveu fazer uma visita ao seu primo, que por então, encontrava-se na sua abadia. O monge saiu pela tangente, deixando o mercador em maus lençóis: ele apenas fora lhe fazer uma visita e o monge julgou que o mesmo aparecia para cobrar os cem francos, os quais ele não tinha, pois havia entregado a esposa do mercador. Então ele afirmou que não se deviam cobrar divídias já quitadas, que havia deixado o dinheiro com a mulher do primo e que sentia-se ultrajado pelo fato do mesmo ir cobrar-lhe a dívida.

O mercador retorna a sua casa e depois de passar uma noite nos braços da esposa acaba por recriminá-la pelo seu mal feito, qual seja, ter recebido o dinheiro do empréstimo que fizera ao religioso e não lhe falar sobre isso. Ao que a mulher se defende dizendo que a culpa não era dela, que ela pensou apenas que o monge lhe dava um presente pelo tanto bem que o marido fazia a ele quando os visitavam e que ela gastara o dinheiro em roupas. O marido ri do acontecido e assim termina o conto, tendo ele sido enganado por ambos, a esposa e o monge.

Tendo em vista o objetivo deste artigo, qual seja observar as representações da mulher na literatura medieval, cabe notar a maneira pela qual o texto de Chaucer apresenta aos leitores e leitoras a figura da esposa do mercador:

He had a wife, unusually fair,/ One of a gay, companionable air,/ A thing wich causes more pecunial dearth/ Than all the foppish compliments are worth/ That menfolk offer them at feasts and dances./ Such nods and becks and party countenances/ Pass as a shadow passes on a wall./ But woe to him that has to pay for all!¹⁴

Observe-se que a esposa do mercador é tida por uma mulher alegre, que gostava de festas e dos prazeres mundanos, podendo ser por isso tida como fútil, pois mesmo sabendo o quanto era grande o sacrifício que o marido fazia para ganhar o dinheiro, ele tinha menos valor do que os acenos e tapinhas que ela ganhava nas festas. Esse tema da mulher que não se preocupa com os gastos, que age como uma imprevidente é comum nos *fabliaux* medievais e pode ser exemplificado na história da mulher cujo marido buscava sal no mar o qual ela distribuía gratuitamente a vizinhança, até o dia em que ele faz com que ela o acompanhe e saiba o quanto seu trabalho é fatigante¹⁵.

Mas ao contrário da mulher que acompanha seu marido na dura jornada em busca do sal, a esposa do mercador não se preocupa com o duro negócio do seu marido, o qual inclui viagens, ausências e preocupações. Ao contrário, enquanto ele está trancado no seu escritório ocupado em pensar em suas necessidades e nos apuros da sua próxima viagem de negócios ela vai passear pelo jardim, encontrando lá Sir John: “Sir John had risen early too, to go/ Into the garden./ Walking to and fro/ He said his office, courteous and devout./ This excellent wife then stealthily came out/ Where he was walking softly in the sun/ And greeted him, as she had often done”.¹⁶

Observe-se a lógica da aproximação da esposa: sorrateiramente. Tal qual uma raposa disposta a atacar uma presa, ela se aproxima do religioso que por ali caminhava tranquilamente fazendo aquilo que era a sua obrigação, honrar a Deus sobre todas as coisas. Ademais, percebe-se no verso acima transcrito certa ironia em relação tanto ao religioso que dizia suas preces “cortês e devoto” quanto a esposa, “esta excelente esposa”. Fosse ela a

¹⁴ Ele tinha uma esposa que era alegre,/ E muito sociável, que gostava de festas e/ Prazeres mundanos, mesmo que o dinheiro/ Lhe valesse mais que os elogios e/ Cumprimentos que ganhasse nas festas e nos bailes./ Cada aceno e tapinhas nas costas sendo/ Sombras para o marido./ Mas ai de quem tem de pagar por tudo! CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 157.

¹⁵ Este *fabliau* atende pelo nome de *Da louca largueza* e foi publicado no livro *Pequenas Fábulas Medievais: Fabliaux dos Séculos XIII e XIV*, lançado pela editora Martins Fontes, em 1995.

¹⁶ Sir John levantou cedo também e foi/ Para o jardim. Andando de lá para cá,/ Rezou o seu ofício, cortês e devoto./ A excelente esposa do mercador veio, então, sorrateiramente/ Onde ele caminhava calmamente ao sol,/ E saudou-o, como já fizera antes. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 159.

excelente esposa que se espera de um rico homem na Idade Média, saberia receber com graça e atender bem seu hóspede, mas não procuraria ficar sozinha com ele, pois isso poderia colocar a sua honra em risco.

Há que se considerar que essa mulher casada fosse ela nobre ou burguesa, tinha por obrigação cuidar da casa e da família, agradar ao marido, gerar e educar filhos. Essa mulher pode ser vista como a imagem pacificada de um ser que se afasta das preocupações carnis e mundanas e que se entrega à oração e às obras de caridade. Tal figura vive sob uma norma de controle que lhe é imposta por inúmeros discursos, sendo que o principal deles é o clerical, através do qual os pregadores e moralistas criavam uma variante extrema de mecanismos para levar a cabo seus esforços teóricos em construir exemplos de comportamento a serem seguidos.

A burguesa representada em O Conto do Homem do Mar foge desse estereótipo: ela não só se apresenta aos olhos de seu hóspede, longe dos olhos e do controle do seu marido como também declina as suas intenções, conforme o diálogo travado entre as duas personagens:

A little girl was there for company/ Beside her, under her authority,/ Still subject to the rod; her mistress said:/ “Ah, my dear cousin John! What, not in bed?/ What’s wrong with you that you are up so soon?”/ “Niece”, he replied, “a man can keep in tune/ On five good hours of sleep, as I should judge,/ Unless he is a poor old pallid drudge/ Like all those married men who cower there/ In bed, as in her form a weary hare/ When she has had the hounds upon her tail./ But, my dear niece, why do you look so pale?/ I cannot but imagine our good man/ Has been at work with you since night began;/ You really ought to go and take a rest.”/ And he laughed merrily at his little jest,/ And for his private thoughts his face turned red.¹⁷

Duas questões ficam evidentes através desse diálogo. Primeira delas: existe uma relação de poder entre a mulher que é oprimida por um sistema masculino e, portanto assume aí uma condição submissa, em relação a outras mulheres que a servem. Isso fica evidente no que tange a senhora que tem junto consigo uma criada a qual é “sujeita a sua autoridade e as suas pancadas”. Destarte, essa mulher que é oprimida torna-se a um tempo opressora de outra mulher, em situação inferior a dela estabelecendo aqui um intrincado processo de relações de poder.

¹⁷ Sujeita a sua autoridade,/ E as suas pancadas, e sua patroa disse:/ “ Ah, meu querido primo John! Já fora da cama tão cedo?/ O que está errado convosco para que levanteis tão cedo?”/ “Sobrinha”, ele respondeu, “ um homem já fica bem com cinco horas de sono,/ Eu julgo, a menos que ele seja um pobre e velho burro de carga,/ Como todos os homens casados,/ Que ficam na cama como lebres cansadas/ Quando elas tem os cães na cola./ Mas, sobrinha querida, por que parece tão pálida?/ Não posso imaginar, mas nosso bom homem,/ Trabalhou em vós a noite inteira;/ Deveríeis realmente ir e tirar um descanso!”/ Ele riu alegremente da galhofa,/ E devido aos seus pensamentos sua face ficou corada. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p.159/160.

Em segundo lugar há que se ressaltar a fala do homem nesse contexto: mesmo sendo um religioso e tendo uma condição que lhe impediria de falar tão livremente sobre o matrimônio, o ato sexual em si e a vida privada dos seus anfitriões, o monge não evita o assunto. Muito pelo contrário: ele exalta a sua condição de homem que não se preocupa com as questões do matrimônio como os homens casados que se tornam “burros de carga”, e que precisam satisfazer suas esposas. Implícita aí fica a consideração de que a não satisfação da mulher pode gerar um adultério, tema tão ao gosto dos *fabliaux*.

Isso não quer dizer que os autores desses textos desaprovassem a instituição matrimonial. Se algum problema em relação a este tópico se apresenta ele tem, de fato, relação com a visão que tais autores possuem em relação a mulher do que com a instituição em si. Sobre isso, vale ressaltar que:

Es lugar común hablar del antifeminismo del *fabliau*, que participa en ese aspecto de una tradición literaria misógina, presente a todo ló largo de la edad media. Paralelamente a la literatura cortés, que exigía, la total submisión del caballero a la dama, se produce una corriente literaria que no sólo denigra a la mujer, sino que se burla de ese juego mundano en que los hombres parecían considerar a la dama como un ser perfecto moral y físicamente.¹⁸(ANÔNIMO, 2005, p. 30)

O público da Idade Média parece haver sentido uma especial atração por todos os elementos que pusessem os indivíduos em guarda contra os malefícios que poderiam advir do feminino. O tema que inspirava com frequência aos pregadores mostrava uma mulher frívola, charlatã, que se esquecia das suas obrigações e pervertida, acabava por perverter ao homem. Daí a necessidade de que a vigilância sobre ela fosse continua para que ela não cedesse a sua debilidade intrínseca. Debilidade essa que se manifestava sob várias formas: vaidade, cupidez, desejo sexual que poderia introduzir na descendência filhos ilegítimos.

Outra curiosidade que vale ressaltar sobre o *fabliau* e o matrimônio: a quase totalidade dos textos apresenta o adultério como uma prática feminina, apesar de o adultério masculino ser uma constante na Idade Média¹⁹. O Conto do Homem do Mar aufere e confirma essa assertiva, a partir da própria fala da esposa do mercador e do diálogo que a mesma tem com Sir John, ande lamenta sua condição. Mesmo sendo um longo trecho, a citação se justifica pelo que este artigo pretende demonstrar:

¹⁸ É lugar comum falar do antifeminismo do *fabliau*, que participa nesse aspecto de uma tradição literária misógina, presente em toda a Idade Média. Paralelamente à literatura cortês, que exigia a total submissão do cavaleiro à dama, se produz uma corrente literária que não somente denigre a mulher, como também participa desse jogo mundano em que os homens pareciam considerar a dama como um ser perfeito moral e fisicamente. ANONIMO. *Fabliaux: cuentos franceses medievales*. Madrid: Catedra, 2005, p. 30.

¹⁹ Sobre o assunto ver DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo; Cia das Letras, 2011.

“Cousin”, she said, “If I had time and space/ And I have none, especially in this place,/ I could unfold a legend of my life/ And what I’ve had to suffer as a wife./As for my husband, though he’s your relation...”/ “No!” said the monk. “By God and my salvation! Cousin indeed! He’s no more cousin to me/ Than is this a leaf, here hanging on the tree,/ I call him so, but by the saints of France/ I do so only for a better chance/ Of seeing you – because I love you dearly,/ Above all other women, most sincerely./ I swear it you on my confession, love!/ Tell me your troubles while he’s still above,/ Quick, don’t hang back! and then you can be gone.”/ “O my dear love”, she answered, “sweet Sir John,/ I hate to tell you...O if I were stronger! But it must out, I cannot bear it longer./ My husband is the very meanest man,/ To me at any rate, since the world began./ It’s unbecoming, since I am his wife,/ To tell a soul about our private life,/ Whether in bed or any place,/ And God forbid I sank to such disgrace!/ I know a wife should only speak in honour/ About her husband, or else fie upon her!/ Only to you, the only one on earth,/ This much I’ll say. God help me, he’s not worth/ A fly upon the wall! In no respect./ But his worst fault is niggardly neglect./ For you must know that women naturally/ Need to have sixty things, the same as me;/ They want to have their husbands, to be candid,/ Sturdy and prudent, rich and open-handed,/ Obedient to their wives and fresh in bed²⁰.

A fala da esposa caracteriza aquilo que é questão frequente nos *fabliaux*: representar a mulher “em função da situação que ocupavam no seio da organização familiar”²¹. A elas é negada uma representação que seja capaz de denotar aos leitores ou leitoras a sua individualidade: nos contos elas aparecem na condição de jovens filhas, esposas ou viúvas. Ademais, uma observação mais atenta de O Conto do Homem do Mar denota uma questão interessante: o monge é nomeado e descrito²², bem como o mercador (mesmo que este não

²⁰ “Primo”, ela disse, “tivesse eu tempo e espaço,/ E eu não os tenho, especialmente aqui,/ Falaria sobre a legenda da minha vida,/ E do que tenho de sofrer como esposa./ Quanto ao meu marido, sendo homem de sua relação...”/ “Não!”, disse o monge, “Por Deus e pela minha salvação!”/ Ele não é mais meu primo, que essa folha,/ Aqui pendurada na árvore!/ Eu o chamo assim, mas por todos os santos na França,/ O faço somente pela melhor oportunidade/ De vos poder ver – porque vós sois meu amor,/ Acima de todas as outras, mais sinceramente./ Juro-vos, pela minha profissão, meu amor!/ Dizei-me tudo enquanto está ele ao escritório,/ Rápido! Não vos demorei, e depois poderíeis ir.”/ “Oh, meu querido amor!”, ela respondeu, “querido Sir John,/ Odeio dizer isto a vós...Oh, fosse eu mais forte!/, Mas tenho de falar, não aguento por mais tempo./ Meu marido é um homem muito mesquinho,/ Para mim o mais mesquinho desde o começo do mundo./ Contar a outra alma sobre nossa vida privada,/ Seja na cama ou qualquer outro lugar,/ Não permita Deus que eu caia em desgraça!/ Eu sei que uma mulher deveria falar/ Somente em honra de seu marido, já que é o que se espera dela!/ Somente a vós, o único na terra,/ Irei contar isso, Deus me ajude./ Ele não é melhor do que uma mosca na parede!/ Em nenhum ponto!/ Mas sua pior falta é me negligenciar,/ E não me assistir,/ Pois vós deveríeis saber,/ Que as mulheres naturalmente precisam disso, como eu;/ Elas querem que seus maridos sejam sinceros,/ Possante e prudentes; ricos e generosos,/ Obedientes a elas e sempre prontos na cama! CHAUCER, Geoffrey, *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 162/163.

²¹MACEDO, José Rivair de. MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Editora da Universidade/ UFRGS/Editora Unesp, 2000, p. 175.

²²This noble merchant kept a splendid house/ And all day long so many guests there were/ - For he was a generous and his wife was fair -/ You would have been surprised; but to my tale./ His guests from up and down the social scale/ Included a young monk, well-made and bold;/ I judge he was some thirty winters old,/ And he was always visiting the place./ (...) This monk, Sir John, was very free in spending/ Whenever he stayed there, (...).

Esse nobre mercador tinha uma casa esplêndida,/ E todo dia muitos hóspedes estavam ali/ - Pois ele era generoso e sua mulher encantadora -/ Ficareis surpreendidos, mas contarei minha história./ Ele tinha hóspedes de todas as classes sociais/ Incluindo um jovem monge bonito;/ Em torno de 30 invernos;/ Que sempre os visitava,/ (...) Esse monge, Sir John, era pródigo com os gastos,/ Sempre que lá ficou (...).(CHAUCER, Geoffrey, *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 157-158)

seja devidamente apresentado aos leitores e leitoras). Mas a esposa encontra-se sempre em situação marginal. Ela é descrita sempre depois dos personagens masculinos, e sempre em relação ao seu marido: “sua mulher encantadora”, “ele tinha esposa que era alegre e encantadora”.

Quando os personagens femininos conseguem ludibriar as malhas da organização familiar, elas aparecem na condição de prostitutas, classe que era tida no período medieval como uma espécie de “mal” necessário.

Piluso, em obra já citada, referenda que através da literatura exemplar das hagiografias medievais²³ acabou por surgir no período um modelo de mulher que havia cometido o pecado da luxúria, entregando-se aos homens por dinheiro com o intuito de dar e obter prazer sexual. Em suma, uma cortesã, uma prostituta, significando uma mulher sedutora e fatal, devoradora de homens, portanto um perigo real. O advento do Cristianismo não alterou profundamente essa imagem. Essa figura modelar encontrava seu contraponto em outra representativa imagem de mulher, que também construiu um modelo durante o medievo, a saber, a Virgem Maria.

Entretanto, a partir do desenvolvimento do Cristianismo como religião oficial do Império Romano e criador de um discurso específico sobre o feminino, nasceu uma melhor definição do que significava a palavra prostituta. Dentro do direito canônico, a melhor definição utilizada para classificar a prostituta foi dada por Gerolamo: “A prostituta é uma mulher que se encontra à disposição da luxúria de muitos homens”²⁴

O discurso perpetrado por Gerolamo não deixa dúvida quanto a determinar qual é a “essência” da prostituta, ou seja, a sua promiscuidade. Porém, o tratamento reservado pelos pensadores medievais em relação à prostituição pode ser tido como ambivalente: por princípio teoricamente, ela era desaprovada e deveria ser proibida (o que não é de se estranhar já que no período em questão a vida sexual ideal era a inexistente); na prática nomes como Santo Agostinho, por exemplo, estavam prontos a tolerá-la e a justificar a sua tolerância dentro dos portões sagrados da sociedade cristã²⁵.

²³ A hagiografia se constitui em um tipo de literatura que apresenta à comunidade a biografia de um santo ou santa. Ela tem um cunho claramente didático, com o intuito de fortalecer a fé dos que já creem e atrair para o cristianismo aqueles que ainda não se converteram. A mais famosa hagiografia do período medieval é a *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze, traduzida no Brasil por uma equipe de medievalistas chefiada por Hilário Franco Júnior.

²⁴ PILUSO, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p.76.

²⁵ “Para evitar uma luxúria pior, é necessário que a Igreja tolere as prostitutas e os seus clientes. Assim como Moisés, mal se apercebe de que o seu povo era levado a matar as mulheres (...), permite o repúdio (...), do mesmo modo a Igreja permite, isto é, tolera, a existência das prostitutas e dos seus clientes para que não se

Dito de outra forma havia que se canalizar as energias sexuais masculinas para estas mulheres a fim de evitar que aquelas se dirigissem para as mulheres honestas, virgens, viúvas ou casadas. E é nessa condição que a prostituta aparece no *fabliau*, onde se demonstra como a prostituição assegura uma espécie de tranquilidade para as famílias e se lamenta o fato de os solteiros muitas vezes desdenharem os bordéis para irem importunar as mulheres que levavam uma vida correta.

O que se percebe a partir da leitura dos *fabliaux*, independente de neles a mulher assumir a condição de coadjuvante ou protagonista, é que, de acordo com a sua idade ou experiência, elas apresentam características que as colocam na posição de seres maliciosos, astutos e de índole trapaceira. Em alguns poucos contos, as figuras femininas surgem como meninas ou mocinhas solteiras e casadoiras as quais se mostram ingênuas, tolas e facilmente enganadas por padres cúpidos e luxuriosos ou estudantes espertos.

Nessa condição, são desvirginadas e conquistadas sexualmente, representando, portanto, um troféu. Macedo, na obra *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*, assim se refere sobre o assunto: “Nessa categoria de contos eróticos, alguns obscenos mesmo, as donzelas fazem rir pela sua inocência e tolice ao se tornarem vítimas de estratégias bem-sucedidas de assédio sexual”²⁶.

Para exemplificar o processo ratificado por Macedo, basta tomar como parâmetro o *fabliau* intitulado *O esquilo*, o qual narra a história de uma jovem moça cuja cuidadosa mãe instruiu dizendo que fosse prudente e jamais mencionasse aquilo que “os homens trazem pendente” (ANONIMO, 1995, p. 128). A mocinha que é apresentada como uma donzela de 15 anos pede a mãe que lhe ensine o nome que ela não pode dizer. E tanto implora e perturba a mulher que a mesma acabe por dizer (mesmo sendo proibido) que o nome é pau. E a jovem grita entusiasmada:

Pau! Graças a Deus, pau! Direi de dia e de noite! Pau! Minha pobre! Pau! Diz meu pai. Pau! Diz minha irmã. Pau! Diz meu irmão. E pau! Diz nossa camareira. E pau na frente e pau atrás! Que todos falem à vontade! Vós mesma, minha mãe, em verdade, dizeis “pau”! E eu, mui cansada, que fiz para não ter o direito de dizer “pau”? Que Deus me dê pau para que também o mencione!²⁷

Esta moça vai perder a sua virgindade porque o sobrinho do prior ouviu toda a sua conversa com a mãe e fazendo-a acreditar que seu pênis é na verdade um esquilo a faz segurá-

difunda uma paixão sexual ainda mais grave. PILUSO, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 76)

²⁶ MACEDO, José Rivair de. MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Editora da Universidade/ UFRGS/Editora Unesp, 2000, p. 175.

²⁷ ANONIMO. *Pequenas Fábulas Medievais: Fabliaux dos Séculos XIII e XIV*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 129.

lo e pensando em fazer com que o “esquilo” mate a sua fome deixa o rapaz buscar através de sua vagina as nozes que havia comido um dia antes e que por certo, estavam ainda em seu estômago:

Deus esteja convosco, senhor Esquilo! Ide procurar! Possais comer boas nozes! Agora procurai bem e mais fundo, até o local onde elas estão, pois pela fé que devo a minha cabeça, tenho aqui um bicho mui delicioso. Nunca vi esquilo assim, nem ouvi falar de um que seja tão bom, pois ele não morde; quase não me machuca! Vamos, procurai belo, caro amigo! Desejo realmente, de todo meu coração!²⁸

Quando o *fabliau* narra à história de uma mulher casada, no entanto, a situação muda completamente de figura. Nesse caso, a malícia parece ser realçada na elaboração psicológica do personagem de modo que geralmente, elas conseguem ludibriar seus maridos seja na cama, seja em circunstâncias cotidianas. O comportamento dessas esposas concorre para a ridicularização dos seus parceiros, principalmente devido às trapaças que empregam para melhor enganá-los e praticar o adultério.

A análise da seguinte fala da esposa do mercador corrobora com essa linha de raciocínio:

But by the Lord that died for us and bled,/ By Sunday next, if I am to look smart/ And do my husband honour I must part/ With – well, a hundred francs; or I’m undone./ Far better not be born than to be one/ That people slander and say cheap things about. Yes if my husband were to find it out/ I were as good as lost – ah, don’t deny!/ Lend me this little sum or I shall die./ Sir John, I say, lend me these hundred francs!/ Trust me I will not fail you in my thanks/ If only you’ll oblige me as I say. I’ll pay you back, and you shall name the day,/ And if there’s anything else – some little task/ That I can do for you – well, only ask./ And if I don’t, God send as foul mischance/ To me as fell to Ganelon of France²⁹.

A esposa do mercador necessita de cem francos e para conseguir a soma necessária propõe ao monge que ele lhe faça um empréstimo ao qual ela irá pagar de bom grado no dia

²⁸ ANONIMO. *Pequenas Fábulas Medievais: Fabliaux dos Séculos XIII e XIV*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 131.

²⁹ Mas por Deus que deu Sua vida por nós,/ No próximo domingo tenho de me por elegante./ E fazer honrado meu marido,/ Terei de pagar cem francos, ou estarei perdida./ Era melhor não ter nascido./ Do que ser motivo para os outros falarem!/ Se meu marido vier a saber disso,/ Estarei pedida – ah!, não me negue!/ Empréstai-me essa soma ou irei morrer!/ Sir John, empréstai-me esses cem francos,/ E confiai que não irei falhar em meus agradecimentos,/ Se vós me ajudardes como vos peço./ Eu pagarei de volta no dia em que aprazardes./ E se houver algo – como uma tarefa –/ Que eu possa fazer por vós, é só pedir./ E se eu não fizer, Deus me mande a desgraça./ Que mandou a Ganelon da França!”

Ganelon de França é o vilão de *La chanson de Roland*, o qual traiu Roland e Oliver, os quais juntamente com o Arcebispo Turpin, formavam a retaguarda de Carlos Magno em Roncesvales contra os muçulmanos. Ele foi desmembrado por quatro cavalos, aos quais foi amarrado, pelos braços e pernas. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 162.

que ele aprazar e realizará qualquer tarefa por ele determinada, bastando apenas que ele lhe peça. Estaria aí implícita a sugestão de que essa tarefa poderia ser inclusive, de cunho sexual?

A resposta dada pelo monge não deixa margem para dúvida:

The monk gave answer in his well-bred way:/ “My own dear lady, I can truly say/ I weep in sympathy for what I’ve heard,/ And here I promise you plight my word/ That when your husband has gone off to Flandres/ I will deliver you from fear of slanders/ For I will bring you down a hundred francs.”/ And on the word he caught her by the flanks/ And clasped her closely, giving her a riot/ Of kisses, saying softly, “Keep things quiet.../ And now let’s have some dinner if we may,/ My dial says it’s past the prime of day;/ You’d best be off. And be as true to me/ As I to you”. “God forbid else!” said she³⁰.

Cabe salientar aqui a cupidez do religioso elemento que, na construção dos *fabliaux* ajuda a despertar o riso, o qual se alimenta das mazelas do cotidiano e apresenta em si uma visão de mundo dotada de cinismo e crueldade. Os padres, bispos ou monges inseridos no universo deste tipo de literatura são normalmente personagens antipáticos e astutos, de caráter francamente negativo. Ademais, a imagem do padre sempre afoito sexualmente falando é predominante no contexto dos enredos e eles são tão ou mais astuciosos que as mulheres, quando o assunto é empregar artimanhas para realizar os seus desejos carniais.

E no que se refere a Sir John, a sua aventura é mais que bem sucedida:

The very Sunday after he had gone,/ Back to St Denys came the good Sir John/ New-tonsured and with freshly-shaven face./ There was no little boy in all the place/ Nor any other person, it was plain,/ But was rejoiced to see Sir John again./ And to go shortly to the point indeed/ This lovely woman readily agreed/ To take his hundred francs and to requite/ Sir John by lying in his arms all night./ And just as was agreed, so it was done./ All night they led a life of busy fun/ Till dawn came up. Then with a kindly laugh/ He left, wishing good luck to all the staff,/ For not a soul, there or in town about,/ Had formed the least suspicion or slightest doubt/ Of what had happened. Homewards, or where whim/ Directed, off he rode; no more of him³¹.

³⁰ O monge lhe deu sua resposta de forma cortês:/ “Minha querida senhora, posso dizer sinceramente,/ Que sinto o que eu ouvi,/ E aqui eu prometo a vós minha palavra,/ Que quando vosso marido partir para Flandres,/ Eu libertarei a vossa pessoa do medo das calúnias,/ Pois trarei até vós os 100 francos.” E dizendo isso agarrou-a pela cintura,/ E trazendo-a perto de si, deu-lhe muitos beijos,/ Dizendo suavemente: “Ficai calada sobre isso!.../ Que já passa da hora prima;/ É melhor que partais. Sejais sincera comigo, como serei convosco!”/ “Deus proíba o contrário!”, ela disse. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 162.

³¹ No domingo seguinte a sua partida,/ Regressou a Saint Denys, nosso bom Sir John/ Recém tonsurado e com o rosto barbeado./ Não houve um só pajem no lugar/ Nem outra pessoa, é lógico,/ Insatisfeita por vê-lo de novo./ E para ir direto ao ponto/ Essa amável mulher concordou/ Em pegar os 100 francos e passar/ A noite nos braços de Sir John./ E foi uma noite agitada e divertida,/ Até a madrugada. Então com um sorriso gentil/ Ele se foi, desejando boa sorte a todos,/ E ninguém ali ou na cidade./ Suspeitou de leve o que se passara, pois não/ Duvidavam dele. Assim, ou ele retornou a abadia/ Ou passou,nada mais se disse sobre ele. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 165.

A esposa do mercador não titubeou em tomar os cem francos os quais na verdade, pertenciam de fato ao seu marido, já que o monge os havia emprestado dele. Assim, criou-se uma corrente de enganoso, na qual o esposo foi duplamente ludibriado, uma vez que ela traiu o marido com o monge em troca de cem francos acreditando que o dinheiro pertencia ao religioso, o qual por sua vez enganou a esposa, pois o dinheiro pertencia na verdade ao mercador, que foi trapaceado pelo monge ao acreditar que emprestava a quantia para que esse comprasse gado que deveria ser posto em terreno da abadia ao qual o suposto primo pertencia.

Quando confrontada pelo seu marido em relação ao pagamento da dívida que Sir John alegou ter feito a ela, a esposa do mercador percebeu que havia sido enganada pelo religioso, mas longe de trair-se, pois isso a desmascararia perante o marido, ela articula uma defesa e mais uma vez oferece seu próprio corpo como pagamento por algum equívoco que possa ter cometido:

So far from being frightened or unsteady,/ This wife retorted boldly thereupon:/ “Then I defy that treacherous monk Sir John!/ Him and his entries! I don’t care a bit! He gave me a sum of money, I admit./ So what? A curse upon his monkish snout!/ God knows I had imagined, out of doubt,/ That he had given it me because of you./ To spend on looking smart, on what is due/ To your position and the friendly cheer/ You’ve always shown him as a cousin here!/ But now it seems that things are out of joint./ Well then! I’ll answer briefly to the point:/ You’ve many slacker debtors than myself! I’ll pay you readily, and as for pelf,/ If that should fail, from sunset to revally/ I am your wife, so score it on my tally./ I’ll pay you back as promptly as I may./ I promise you I spent it in the way/ Of pretty clothes; it didn’t go in waste,/ But, I assure you, in the best of taste/ To honour you; for goodness’ sake I say/ Don’t be so angry, dear, let’s laugh and play./ My jolly body’s pledged to you instead;/By God I’ll never pay except in bed./ Forgive me, dearest husband, just this while;/ Turn around again and let me see you smile!”³²

Assim termina O Conto do Homem do Mar, no qual se pode perceber um traço claro de misoginia personificado na personagem da mulher do mercador representada por características que não eram positivas dentro do universo da mentalidade medieval: astuciosa, traiçoeira, mentirosa, vaidosa, dada a festas e cúpida.

³² Longe de se assustar ou ficar insegura,/ Respondeu a mulher ousada:/ “Que traiçoeiro me saiu o monge Sir John!/ Ele e suas astúcias! Mas não me importa!/ Ele me deu algum dinheiro, admito./ E então? Que caia uma maldição sobre ele!/ Sabe Deus que eu imaginava sem dúvida,/ Que me dera por causa vossa,/ Para gastar pondo-me bonita, como devo,/ Por vossa posição e por receber com cortesia,/ Como sempre faz quando vosso primo a nossa casa vem!/ Mas agora, parece não ser esse o ponto;/ Tem o senhor meu marido, devedores mais caloteiros que eu!/ Pagarei já a vós, e se deixo de pagar/ Não vos esqueçais que da madrugada ao poente/ Sou vossa esposa, então pode colocar na minha conta.E pago de volta prontamente./ Prometo a vós que gastei esse dinheiro/ Em boas roupas, não foi desperdiçado,/ Mas asseguro, são todos de bom gosto/ E para vos honrar; assim por Deus/ Não se zangue, querido, vamos rir e brincar./ Meu corpo penhora a vós; por Deus,/ E vos pagarei na cama./ Perdoe-me querido marido;/ Virai-vos para mim e deixai-me ver vosso sorriso!”. CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003, p. 168.

Esse processo demonstra a existência de um discurso o qual aponta um caminho para sua análise histórica, bem entendido esse discurso como “uma construção humana coerente, coletiva, dinâmica, e organizada sobre uma determinada temática. Os discursos são portanto, saberes, ou seja, compreensões produzidas pelas sociedades sobre as relações humanas, tal como define Foucault”.³³ (SILVA, 2009, p.2)

Portanto, os discursos não passam de construções constituídas a partir de outras construções e delas, sofre a interferência: daí ser possível afirmar que não existe um discurso que seja absoluto, mesmo que ele se constitua em uma hegemonia, pois um discurso constituído não necessariamente elimina outros discursos.

Indubitavelmente a Idade Média construiu um discurso sobre a mulher, pautado na interferência de indivíduos os quais, teoricamente, estavam muito longe delas, a saber, os membros do clero. Aos olhos dos religiosos do período, a mulher era tida como um perigo constante, uma ameaça constantemente associada a vaidade e a luxúria, pecados que constituíam graves defeitos a serem evitados.

A representação feita da esposa do mercador a partir do texto literário criado por Geoffrey Chaucer corrobora nesta assertiva já que a apresenta como uma mulher preocupada com a moda e que vende seu corpo em troca de dinheiro para comprar belos vestidos. Associar essa figuração a luxúria é um passo simples e que contraria tudo o que os escritores cristãos em geral não mediam esforços para tentar restringir, associando o corpo, a vaidade e o prazer carnal à matéria, ao terreno, portanto ao “perecível, putrescível, efêmero, ficando a alma situada nas esferas consagradas da pureza, perenidade e eternidade.”³⁴ (MACEDO, 2009, p.2)

Assim, as pulsões e os apetites corporais dizem respeito ao lado mais perigoso do ser humano, demonstrando as particularidades das almas frágeis, sujeitas e dedicadas aos desejos passageiros e mundanos. No que tange aos padrões de conduta orientados e definidos pela Igreja, o corpo e todos os processos a ele relacionados deveriam ser tratados com a máxima desconfiança: inclusive (e principalmente) o corpo feminino, o qual era utilizado pelas

³³ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*. In: Biblioteca da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, p. 2. Acesso em 20/03/2012, www.abrem.org.br

³⁴ MACEDO, José Rivair. *A face das filhas de Eva – os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII*. In: Biblioteca da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, p.2 Acesso em 20/03/2012, www.abrem.org.br

mulheres como arma de sedução para alcançar seus objetivos, como se pode perceber pelas práticas realizadas pela mulher do mercador.

A grande questão que vale a pena ressaltar é que independente do lugar do discurso, seja ele o clerical ou a literatura laica, representada pelo *fabliau*, o lugar da mulher ainda é o mesmo: no primeiro ela é objeto de construção modelar a qual cria figurações como Eva, a maldita; Maria, a redentora e Madalena, a pecadora arrependida. No segundo, ela é ingênua demais quando virgem, ou astuta demais quando mulher casada que deseja trair o marido, ou ainda, uma grande alcoviteira quando já abandonada pelo viço dos anos.

Ou seja, o olhar que contempla a mulher é o dos homens. O olhar que filtra a sua imagem é masculino e impõe sobre ela modelos ideais e regras de comportamento as quais apresentam-se como incontestáveis, porque nesse período os homens são detentores da palavra e criadores de um discurso, já que são eles, na figura dos clérigos por exemplo, senhores da linguagem escrita e responsáveis pela transmissão do conhecimento que comunicaram para o seu tempo e além o que se deveria pensar sobre as mulheres.

Seja clerical ou laica, a palavra masculina se impõe sobre a mulher, no discurso medieval de forma peremptória criando concepções, estigmas e imagens que delas faz uma casta de homens os quais vivem no celibato por definição de seu estatuto, ou para os quais elas devem ser vigiadas já que concebem a linhagem da família: talvez por estas razões, esse discurso seja ácido em estigmatizar seus vícios e imperfeições e mesmo ressaltá-los.

REFERÊNCIAS:

ANONIMO. *Fabliaux: cuentos franceses medievales*. Madrid: Catedra, 2005.

BÉDIER, Joseph. *Les Fabliaux*, Paris, 1893.

CHAUCCER, Geoffrey. *The Canterbury Tales*. London: Penguin Books, 2003.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo; Cia das Letras, 2011.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Jose Olympio, 2003.

MACEDO, José Rivair de. MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Editora da Universidade/ UFRGS/Editora Unesp, 2000.

MACEDO, José Rivair. *A face das filhas de Eva – os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII*. In: Biblioteca da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, p.2 Acesso em 20/03/2012.

NYKROG, Per. *Les fabliaux, étude d'histoire littéraire et stylistique médiévales*. Copenhague, 1957.

PILUSO, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

RYCHNER, Jean. *Contribution à l'étude du fabliaux*. 2 vols, Genebra, Droz:1960.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero*. In: Biblioteca da ABREM – Associação Brasileira de Estudos Medievais, p. 2. Acesso em 20/03/2012.